



“TRICO... O QUÊ?”: DESMISTIFICANDO A TRICOMONÍASE, IST CAUSADA POR TRICHOMONAS VAGINALIS

BEATRIZ DE PAIVA MENDES; MARCELLA BORGES DE MENEZES ESCOBAR CHAGAS; GABRIELLY SBANO TEIXEIRA

RESUMO

A vivência sexual assume papel frequente durante a adolescência e costuma ser evidenciada mediante práticas sexuais desprotegidas, como resposta ao medo e tabus criados pela sociedade. Dessa forma, a suscetibilidade dos jovens às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), incluindo a Tricomoníase, ganha notoriedade devido à falta de orientação científica necessária. Pensando nisso, graduandas em Biomedicina desenvolveram este projeto de extensão, cuja meta específica é conduzir uma palestra educativa que incentive os estudantes a desmistificar, interagir e questionar suas próprias percepções sobre o tema. A atividade foi conduzida no Colégio Estadual Leopoldo Machado, na cidade de Nova Iguaçu — RJ. A população foi composta por 22 participantes, em sua grande maioria de 17 anos de idade. Para coletar dados, aplicou-se uma dinâmica de verdadeiro ou falso e um formulário de reação composto por questões sociodemográficas e relacionadas ao impacto das informações fornecidas. No que diz respeito ao conhecimento prévio sobre a Tricomoníase, o projeto esclareceu que mais de 50% dos alunos têm pouca ou nenhuma compreensão da infecção, destacando a carência de programas de educação sexual direcionados a esse público. Discutiuse ainda que, apesar de terem curiosidade sobre o assunto, o baixo nível de conhecimento pode estar relacionado a variáveis como gênero, idade e, principalmente, acesso à informação, reafirmando a vulnerabilidade desses estudantes a essa e outras ISTs. Portanto, este relato manifesta a urgência em desenvolver estratégias de educação em Parasitologia e de fomento à colaboração entre escolas e profissionais biomédicos, a fim de orientar a conduta dos adolescentes e favorecer a promoção de Saúde e prevenção de doenças.

Palavras-chave: Acesso à Informação; Adolescentes; Educação Sexual; ISTs; Saúde Pública;

1 INTRODUÇÃO

Durante a adolescência, a vivência da sexualidade torna-se mais evidente, porém tende a se manifestar através de práticas sexuais desprotegidas, devido à falta de comunicação, mitos e tabus criados pela sociedade ou mesmo por medo (ALMEIDA et al., 2017). Dessa maneira, a procura por novas experiências sem uma boa orientação torna esses jovens mais vulneráveis a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), incluindo a Tricomoníase.

Essa infecção é considerada a IST não-viral mais comum no mundo, causada pelo protozoário *Trichomonas vaginalis* (LIMA et al., 2019). Apesar de ser curável, o aumento na prevalência entre a população sexualmente ativa e a resistência aos tratamentos têm causado preocupação nos profissionais de saúde. Segundo dados do Relatório Global de Saúde e Estratégias de Combate a IST (2020), essas infecções aumentaram cerca de 64,9% entre jovens de 15 a 19 anos.

Quanto aos determinantes sociais da parasitose, variáveis como a idade, número de parceiros sexuais, condições precárias de higiene e o status socioeconômico mostraram-se ser

fatores de risco à infecção em mulheres sul-africanas (MABASO et al., 2021). Isso também pode se aplicar ao Brasil, visto que ambos os países são emergentes, o que prejudica o acesso à informação pela maior parte dos pacientes suscetíveis à ISTs e não proporciona circunstâncias adequadas a sua prevenção.

Tendo em vista o cenário de patogênese e o enorme impacto de Saúde Pública da Tricomoníase, este projeto de extensão surge como uma estratégia urgente de promover Educação em Parasitologia e modernizar a comunicação sobre saúde sexual com adolescentes, já que muitos não se sentem à vontade para conversar sobre esse assunto com a família e apelam para fontes não confiáveis, como revistas, filmes e a internet (ALMEIDA et al., 2017).

Portanto, de maneira geral, o projeto objetiva diminuir os prejuízos decorrentes da desinformação, em um contexto no qual academia e escola caminhem juntas para desmistificar a infecção em questão. Tem ainda, como objetivo específico, a aplicação de palestra educativa, através de uma abordagem em que o estudante interaja e confronte suas próprias percepções sobre o tema, fomentando, dessa maneira, um senso crítico aplicável ao dia a dia.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O projeto de extensão “Trico...O quê? Desmistificando a Tricomoníase, IST causada por *Trichomonas vaginalis*” consiste em uma pesquisa de campo, com objetivo de unir estudos bibliográficos e dados coletados da população em questão. A equipe foi composta por discentes da disciplina de Citopatologia Clínica, componente da grade curricular do curso de Biomedicina, além de uma docente responsável pela orientação geral do projeto. Inicialmente realizaram-se sessões científicas quanto à patogênese da infecção, com intuito de qualificar as extensionistas para execução da atividade.

A ação foi desenvolvida no Colégio Estadual Leopoldo Machado, localizado na cidade de Nova Iguaçu – RJ e visou atingir o público adolescente/jovem, tendo em vista que costuma ser o mais afetado por ISTs e raramente têm acesso às informações que proporcionem sua devida proteção. A população foi, então, composta por 22 alunos de Ensino Médio Regular, com faixa etária que variou de 14 – 19 anos de idade.

Foram ainda alinhadas reuniões com direção da instituição em questão, que autorizou a execução da pesquisa após tomar conhecimento dos objetivos do projeto por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Quanto aos discentes participantes, todos aprovaram a divulgação anônima de seus *feedbacks* a partir de confirmação de assentimento registrada em questionário.

Os adolescentes foram envolvidos na atividade nos seguintes momentos: Dinâmica de verdadeiro ou falso, onde a equipe docente construiu uma série de afirmativas sobre a Tricomoníase, com intuito de avaliar os níveis de conhecimento prévio dos participantes. A turma foi dividida em dois grandes grupos para competirem entre si, respondendo “fato” ou “fake” a cada afirmação proposta. Logo em seguida foi aplicada palestra educativa a partir de slides interativos e linguagem descomplicada e acessível, a fim de aproximar o público-alvo do tema.

Ao final dessa sessão, foi empregue um formulário composto por questões sociodemográficas e sobre o grau de impacto causado pelas informações concedidas. Os alunos utilizaram aparelhos celulares dos docentes para escanear o *qR code* de avaliação e gerar dados aplicáveis a seminários e posteriores projetos científicos envolvendo a atividade. Por último, os estudantes receberam uma cartilha informativa, a fim de disseminar informações cientificamente comprovadas para além da sala de aula.

Para as extensionistas, a oportunidade de participar do projeto proporcionou a

aplicação de conhecimentos em Parasitologia e Citopatologia e o desenvolvimento de competências socio comportamentais importantes para atuação interdisciplinar em saúde.

3 DISCUSSÃO

Sabe-se que a extensão compõe a tríade indissociável do sistema de Ensino Superior Brasileiro, sendo responsável por promover a articulação entre universidade e sociedade e possibilitando que acadêmicos sejam participantes do processo educativo, troquem experiências e ampliem sua visão de sociedade (AZEVEDO et al., 2020). Nessa ótica, acredita-se que esse projeto proponha a integração entre realidades distintas e a construção de diálogo sobre a IST em questão, tanto entre os membros da equipe, quanto entre os adolescentes atendidos pela ação.

Dessa forma, o impacto dos resultados da atividade foi discutido com apoio de gráficos e tabelas, em articulação com os autores e estatísticas revisadas neste estudo, a fim de divulgar ciência e investigar a dinâmica da Tricomoníase entre jovens e adolescentes.

Ao observar a tabela 1, percebe-se que a faixa etária do grupo presente na atividade é representada por pré-adolescentes e jovens, público que, de acordo com o Observatório Nacional da Família (2020) compõe boa parte da população sexualmente ativa, já que essa pesquisa aponta que a idade média do início da vida sexual do brasileiro é de 12,7 anos para homens e 13,8 anos para mulheres.

Quanto à escolaridade, metade dos indivíduos pesquisados foram alunos do último ano de Ensino Médio, parcela que, conforme relatado aos docentes, costuma se deparar com os temas de anatomia dos sistemas reprodutores e ISTs no conteúdo programático de muitos concursos e vestibulares.

Além disso, vale ressaltar que a maior parte do público-alvo foi composta por meninas, justamente as mais afetadas por *T. vaginalis*, cenário que ainda pode ser agravado caso não sejam notados os primeiros sinais da infecção, o que aumenta o risco para vaginite e câncer de colo de útero, por exemplo (LIMA et al., 2019). Em contrapartida, em meninos, os sintomas são raros ou aparecem tardiamente, o que torna seu diagnóstico mais desafiador, podendo culminar em casos de infertilidade.

Nesse sentido, percebe-se que a vulnerabilidade sexual dessa parcela tem relação com o acesso à informação e com questões de gênero, já que esses fatores mostram-se ser cruciais ao início precoce e desprotegido da vida sexual desses adolescentes. Vale salientar que homens assintomáticos ainda configuram um quadro preocupante da infecção, tendo em vista que iniciam essas relações mais cedo e acabam por perpetuar a cadeia de transmissão da Tricomoníase (LIMA et al., 2019).

Tabela 1: Dados sociodemográficos dos participantes.

VARIÁVEIS	N	%
Idade		
14 anos	1	4,5
15 anos	1	4,5
16 anos	6	27,3
17 anos	9	40,9
18 anos	4	18,2
19 anos	1	4,5
Série		
9º ano E.F./1º ano E.M.	3	13,6
2º ano E.M.	8	36,4
3º ano E.M.	11	50

Gênero		
Masculino	9	40,9
Feminino	13	59,1

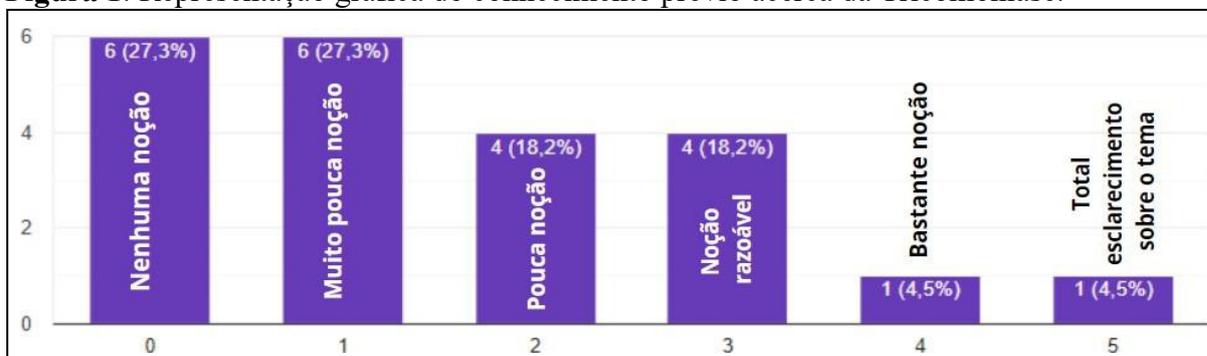
Em conformidade com a informação anterior, a tabela 2 evidencia que, enquanto a maior parte da parcela feminina diz procurar auxílio ginecológico frequentemente, entre homens, a porcentagem de busca pelo urologista foi significativamente menor, representando apenas 13,64%. Esse dado corrobora com o que diz pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Urologia (2020), a qual indica que o número de consultas com meninos na faixa de 12 a 18 anos é até 18 vezes menor que a procura por ginecologistas por meninas da mesma idade.

Tabela 2: Procura por auxílio ginecológico/urológico em quadros de alteração íntima (coceiras, corrimento, vermelhidão, etc).

	MENINOS	MENINAS
Procuram auxílio médico	13,64%	40,91%
Não procuram auxílio médico	27,27%	18,18%

Acerca da escala de conhecimento prévio e individual da infecção, mais de 50% dos alunos mostraram ter nenhuma ou pouca noção do que se tratava a Tricomoníase, como ilustra a figura 1. Essa informação se reafirma em relato concedido pela diretora do Colégio Estadual Leopoldo Machado que declarou que, em seus 20 anos de supervisão da escola, nunca houveram ações promotoras de educação sexual aos discentes.

Figura 1: Representação gráfica do conhecimento prévio acerca da Tricomoníase.

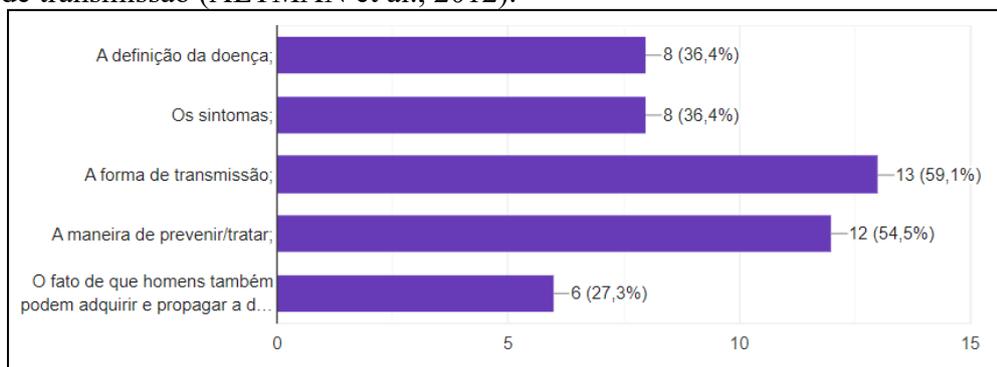


Em compensação, durante dinâmica de verdadeiro ou falso, os adolescentes, divididos em dois grandes grupos, empataram em seis das sete afirmativas propostas, o que mostra que o estímulo de discussões em grupo e troca de saberes e experiências contribuem para uma aprendizagem colaborativa do assunto (CARDOSO, 2022).

Tratando-se do(s) ponto(s) mais relevante(s) da palestra, a grande maioria selecionou os tópicos de prevenção e transmissão (Figura 2), fato que, inclusive, despertou a curiosidade dos alunos, pois todos desconheciam as formas não-sexuais de propagação da infecção, a saber: Assentos de vaso sanitário, roupas íntimas compartilhadas e água de piscina, por exemplo.

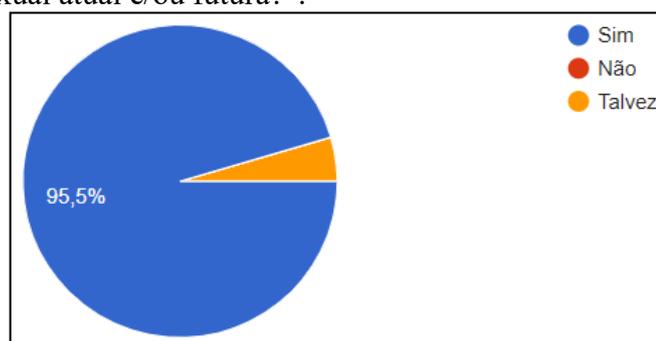
Figura 2: As informações de maior relevância na opinião dos participantes. Ainda nesse contexto, debateram-se questões sociais quanto ao estigma de que ISTs costumam ser apenas “doença de gays”, conforme relatado pelos estudantes. Foi esclarecido que o risco dessa comunidade contrair essas infecções não se deve ao seu relacionamento homoafetivo, mas sim

à cautela com a prevenção, visto que a prática de sexo anal sem proteção tem probabilidade aumentada de transmissão (ALTMAN et al., 2012).



Finalmente, como observado na figura 3, a atividade foi capaz de fomentar reflexão em prol da prevenção sexual dos estudantes, o que reitera que a escola é um ambiente favorável para a promoção de ações que busquem atenção integral à saúde do adolescente. Além disso, o professor costuma representar a primeira opção para o esclarecimento de dúvidas quanto a Tricomoníase, ratificando sua importância como comunicador de educação sexual no ambiente escolar (ALMEIDA et al., 2017).

Figura 3: “As informações compartilhadas nessa apresentação terão impacto na sua forma de prevenção sexual atual e/ou futura?”.



4 CONCLUSÃO

Os dados obtidos neste relato descrevem o perfil de esclarecimento da população jovem quanto a Tricomoníase, infecção cuja prevalência mostrou estar associada às questões de gênero, idade e, principalmente, de acesso à informação. As informações ainda permitem inferir que, por terem pouca elucidação sobre o tema, os adolescentes não se previnem da maneira correta, não conseguem reconhecer os sinais da infecção e tem pouco costume de procurar médicos especializados, o que configura um ciclo interminável e de enorme preocupação para Saúde Pública.

Logo, fica clara a necessidade de desenvolvimento de estratégias em favor da educação sexual, que favoreçam a integração entre a escola e profissionais biomédicos, como orientadores na tomada de decisão dos adolescentes. Por fim, este estudo se limitou a analisar uma amostra de apenas 22 participantes, portanto é bastante provável que existam variáveis não consideradas pelas pesquisadoras que, possivelmente, seriam perceptíveis em um grupo maior de estudantes.

Como forma de solucionar esse entrave, estão sendo planejadas novas ações voltadas à prevenção, diagnóstico e tratamento da Tricomoníase, a fim de proporcionar uma melhor avaliação desses indicadores para elaboração de políticas públicas voltadas à saúde do adolescente.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA AIDS. **Especialistas dizem que conservadorismo e tabus têm prejudicado a comunicação sobre sexo seguro e prevenção às ISTs no Brasil: Observatório Nacional da Família**. 2020. Disponível em: <https://abrir.link/lbFg6>. Acesso em: 20 out. 2023.

ALMEIDA, Rebeca et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**, SciELO - Brasil, v. 5, ed. 70, p. 1 - 9, 14 mar. 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/p4gD43L6gJhMZv3yGkRfvnM/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023.

ALTMAN, Dennis et al. Men who have sex with men: stigma and discrimination. **The Lancet**, v. 380, n. 9839, p. 439–445, jul. 2012. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60920-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60920-9). Disponível em: [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736\(12\)60920-9.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lancet/PIIS0140-6736(12)60920-9.pdf) Acesso em: 18 out. 2023.

AZEVEDO, Ana Paula et al. Relato de Experiência do Projeto de Extensão Saúde Pública em Ação. In: PORTAL DE ANAIS DE EVENTOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS, 2020, Goiás. **Anais da UEG**. Goiás: UEG, 2020.

CARDOSO, BEATRIZ ROSSIGNOL VIEIRA. O Trabalho Em Grupo Como Metodologia Possível Para Desenvolver Competências Da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). 2022. 107 p. Dissertação (Mestrado Profissional Stricto Sensu em Matemática em Rede Nacional) - **Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo**, São Paulo, 2022.

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE JOVENS PREOCUPAM ESPECIALISTA – Relatório Global de Saúde e Estratégias de Combate a IST. **Jornal da USP**, [S. l.], ano 2021, 9 abr. 2021. Atualidades, p. 1. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/infecoes-sexualmente-transmissiveis-entre-jovens-preocupam-especialista/>. Acesso em: 25 out. 2023.

LIMA, Morgana et al. O perfil epidemiológico das mulheres com *Trichomonas vaginalis* assistidas na atenção primária. **Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção da Saúde**, v. 4, n. 1, p. 8–13, 12 fev. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2446-5682.20190003>. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/redcps.com.br/pdf/v4n1a03.pdf>. Acesso em 14 out. 2023.

MABASO, Nonkululeko; ABBAI, Nathlee S. A review on *Trichomonas vaginalis* infections in women from Africa. *Southern African Journal of Infectious Diseases*, **AOSIS Publishing**, p. 1 - 9, 10 jun. 2021. DOI <https://doi.org/10.4102/sajid.v36i1.254>. Disponível em: <https://sajid.co.za/index.php/sajid/article/view/254/649>. Acesso em: 10 out. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE UROLOGIA. **Ida de meninos ao urologista é cerca de 18 vezes menor que a das meninas ao ginecologista, mostra levantamento inédito da SBU**. 2020. Disponível em: <https://abrir.link/OBPkX>. Acesso em: 25 out. 2023.